

ETNOGEOGRAFIA TERENA: TERRA E TERRITÓRIO***GEOGRAFIANA TÊRENOE: POKÉ'E YOKO POKÉ'EXA******TERENA ETHNOGEOGRAPHY: LAND AND TERRITORY******ETNOGEOGRAFÍA TERENA: TIERRA Y TERRITORIO*****Paulo Baltazar**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

paulo.baltazar@ufms.br**Marcos Mondardo**

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

marcosmondardo@yahoo.com.br**Celma Francelino Fialho**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

celma.fialho@ufms.br**RESUMO**

Este trabalho é resultado da pesquisa de campo de geografia Terena na Terra Indígena Taunay/Ipegue, localizada no município de Aquidauana/MS. Nesse caso, procuramos descrever a etnogeografia dos Terena da Terra Indígena, incluindo a questão de fronteiras na qual as divisas são delineadas por meio da natureza que está presente no território, tais como: árvores e córregos, que são referências de divisas entre as sete aldeias que compõem a reserva indígena. Para isso, o objetivo do presente artigo é propor o conceito de terra *Poké'e* e *Poké'exa* – território na concepção do povo Terena do Território Taunay/Ipegue. Para atingir os objetivos propostos, buscamos fazer consultas de obras de autores indígenas e não indígenas que tratam da questão da terra e do território, incluindo os valores espiritual, mítico, simbólico e cultural. Tivemos a colaboração de vários anciãos das sete aldeias que compõem o território, que ajudaram como orientadores de expedição, informantes, na língua terena, dos lugares importantes para a pesquisa. Finalmente, o conceito de terra *Poké'e* e *Poké'exa* – território atingiu êxito devido aos informantes serem falantes da língua terena, e isso foi importante para a pesquisa dos sufixos, dos prefixos e dos radicais das palavras usadas na língua Terena, para finalmente elucidar o significado de terra *Poké'e* e *Poké'exa* – território.

Palavras-chave: Terra Indígena. *Poké'e*, *Poké'exa*. Taunay/Ipegue. Língua Terena.

ITÁTANE

Eneporá yutóeti ikene êho ihíkavoti kóahati geografiana kopénoti, xapákuke vípuxovoku Toné yoko Ipéakaxoti. Inúxotike vopósikoa yutóxea kixoku koeku ra Poké'exa úti, koane yutóxovomaka kixoku hoenaxea hínokoku Poké'e ya póhutihiko ípuxovoku viyénoxapa. Yutóxovomaka itukóvotihikoye hoenaxopeti ya kúveuke



Poké'ixa ûti, motovâti éxeokono tûri yoko hinókoku póhutihiko vípuxovoku. Motovâti vitóponea ra vâha vitúkea, vopósikoahiko ne koyuhópetihiko, koane ike yutóxine ne kopénutihiko yoko ikene yutóxine purútuye koyuhôati ne Poké'e, koane Poké'ixa ûti. Huvó'oxomaka ra yékotenohiko ya póhuti ko'óvokuti xapakuke ne sêti koeti vípuxovoku, énomone éxokovea ya vemóuke ovâtihiko kúveuke ne Poké'e yoko Poké'ixa, kuteati koeku, óvohikoku exétinati, nikeakuti, ohókoti, pónuhiko kixoku vitúkeovo ya Poké'ixa Toné yoko Ipeakaxoti. Hinókokuke ipúhiko kixoaku ûti véxea ne Poké'e yoko Poké'ixa, ukêati xapakuke emoû yékotehiko, vo'óku énomone koyuhó'inovea kixó'ekone ne itátanehiko emoûti.

Emó'útihiko: Poké'e kopénoti. Poké'e, Poké'ixa. Toné/Ipeakaxoti. Emôu têrenoe.

ABSTRACT

This article treats about a result of a research made from the Terena geography in a native Indigenous Land, known as Taunay/Ipegue community, located in Aquidauana, state of Mato Grosso do Sul/BR. This paper seeks to describe the Terena's ethnogeography at the before mentioned Indigenous Land, pointing out some important aspects, including the matter where borders are deligned by nature forces and types of topography, such as: Trees, Streams that are considered as being borders limits among te seven villages wich compose the indigenous reserve. Therefore the main objective in this article is give the reader explanations about the concept of Poké'e and Poké'ixa lands territory in the conception of the Terena people at the Taunay/Ipegue Territory-Community. To sucessfully anchieve these goals, our crew reached deeper information not only on old indigenous written masterpieces, but also, on non-native indigenous ones, including spiritual, mythical, symbolic and culture value. We counted on the collaboration of several ancient people from the previous mentioned villages wich act not as just guides, but also, translators, and informants of important places for this paper. Finally, the concept of land Poké'e Poké'ixa – territory, was reached due to the informants being speakers of the Terena language, this was fundamental for the research of the suffixes, prefixes and radical of the words used in the Terena language to finally elucidate the meaning of land Poké'ee Poké'ixa – territory.

Keywords: Indigenous Land. Poké'e, Poké'ixa. Taunay/Ipegue. Terena langue.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una investigación de campo sobre la geografía terena en la Tierra Indígena Taunay/Ipegue, situada en el municipio de Aquidauana/MS. En este caso, buscamos describir la etnografía de la Terena de la Tierra Indígena, incluyendo la cuestión de las fronteras donde las fronteras son delimitadas por medio de la naturaleza presente en el territorio como: árboles, arroyos que son referentes de fronteras entre los siete pueblos que conforman el resguardo indígena. Para más, el objetivo en este artículo es proponer el concepto de tierra Poké'e y territorio Poké'ixa en la concepción del pueblo Terena del Territorio Taunay/Ipegue. Para lograr los objetivos propuestos se buscó consultar obras de autores indígenas y no indígenas que traten del tema de la tierra y el territorio, incluyendo el valor espiritual, mítico, simbólico y cultural. Contamos con la colaboración de varios ancianos de las siete aldeas que componen el territorio, que ayudaron como guías de la expedición e informadores en lengua terena de los lugares importantes para la investigación. Finalmente se llegó al concepto de terra Poké'e y Poké'ixa - territorio debido a que los informantes son hablantes de la lengua



Terena, lo cual fue fundamental para la investigación de los sufijos, prefijos y radicales de las palabras utilizadas en la lengua Terena para finalmente dilucidar el significado de terra Poké'e y Poké'exa - territorio.

Palabras clave: Tierra indígena. Poké'e, Poké'exa. Taunay/Ipegue. lengua terena.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de sete anos de pesquisa e investigação. Nele, abordaremos primeiramente, na introdução, a questão do Território Indígena Taunay/Ipegue e, na sequência, os conceitos de *Poké'e*, terra, e *Poké'exa*, território.

É importante salientar que o território é composto por *Óvohikoku Éxetina*, que significa lugares históricos, toponímicos, na territorialização das sete aldeias – *Poxôku*, *Epéakaxoti*, *Pânana*, *Kali Lâvona*, *Kali Mopôî*, *Hopunó'evoti Úne*, *Mâko* – que representam valor, vigor e resiliência do povo Terena.

Nesse sentido, as aldeias apresentam os seus contornos territoriais por meio de divisa, que é marcada simbolicamente por uma referência na natureza e, por sua vez, as referências estão impressas no imaginário das lideranças indígenas, permitindo repassar o lugar dos limites de cada aldeia.

Nesse contexto, os moradores do território são filiados à família linguística *Aruák*, o povo Terena, que tem mostrado a maioria das aldeias indígenas que compõem o território perdendo o uso da língua terena, ficando esse idioma restrito aos mais velhos, sendo que os jovens não conseguem mais se comunicar por meio da língua materna, uma vez que atualmente adotaram a língua portuguesa.

Diante dessa situação, na questão da língua materna, há outra situação territorial que é o “confinamento¹”, devido ao aumento de pessoas que moram na reserva indígena que foi implantada ou aparentemente demarcada que passou a ser considerada Terra Indígena Taunay/Ipegue, por isso os indígenas passaram a ter o usufruto da terra, mas que continuam de propriedade da União.

¹ Entendo por confinamento, conforme explica Antônio Brand (1993), como sendo o processo histórico de concentração da população Kaiowá/Guarani dentro das reservas demarcadas até 1928, após a destruição de suas aldeias e/ou a conclusão do processo de implantação das fazendas de gado e correspondente desmatamento do território tradicional. Esse processo histórico de confinamento geográfico e cultural se acentua durante a década de 1970, com a mecanização da lavoura e correspondente ampliação do desmatamento do território tradicional Kaiowá/Guarani.

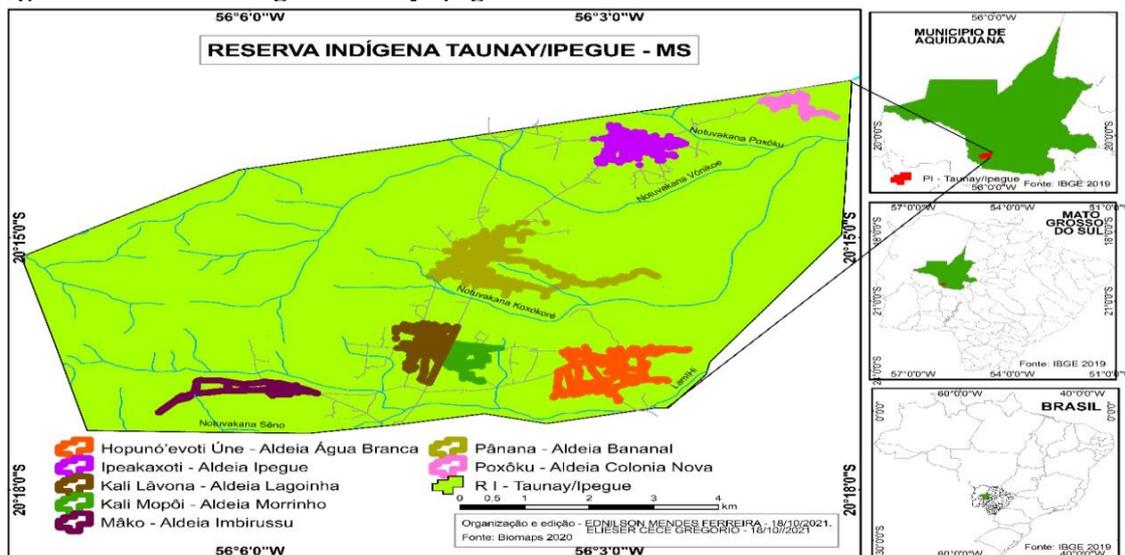


Entretanto, a demarcação de terra de 6.461 hectares feita pelo Marechal Cândido Rondon, em 1905, não significou real e verdadeira paz e segurança, porque as terras tradicionais indígenas ficaram de fora e não foram incluídas na demarcação da reserva. No entanto a demarcação aconteceu devido à reivindicação de lideranças na época, quando foram convidados para construir a linha telegráfica que passou por dentro do território Terena.

O Território Indígena Taunay/Ipegue está localizado a 70 quilômetros de distância da cidade de Aquidauana e a 130 quilômetros de Campo Grande, Capital do estado de Mato Grosso do Sul.

O Território Indígena Taunay/Ipegue é um território contínuo, apesar de ter dois Postos Indígenas (da aldeia Bananal e da aldeia Ipegue) para atender todas as aldeias dessa área. Essa dupla existência de nomeações cria certo entendimento de que o território possui duas terras indígenas, pela própria denominação que recebeu (figura 1).

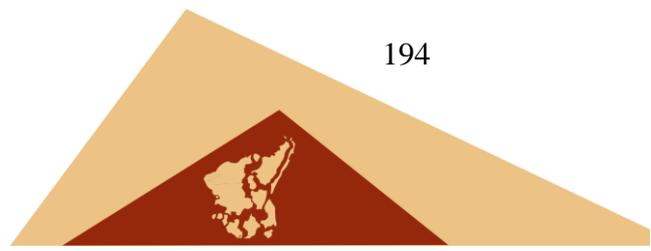
Figura 1 - Reserva Indígena Taunay/Ipegue



Fonte: Biomapas 2020. Paulo Baltazar. Janeiro de 2022.

Nesse território, estamos enfatizando outras fronteiras ou referências de divisas de cada aldeia, tendo em vista que, para os Terena, essa questão de divisa não traz nenhum tipo de conflito entre as aldeias, o que não é visível para quem não conhece o território.

Isso significa dizer que as aldeias têm divisas entre elas por meio de referências simbólicas e naturais de cada uma, que todos os moradores conhecem, reconhecem e



respeitam – inclusive, quando existe um conflito de uma pessoa de outra aldeia dentro de aldeia diversa, é levada a demanda para o lugar de origem para resolver o problema.

As divisas naturais são utilizadas como referências, o que é bem diferente no mundo não indígena, onde limites, muitas vezes cercados por arame, são demarcados com Sistema Global de Posicionamento – GPS, ou por outro instrumento. No caso do Território Indígena essa demarcação é diferente, como no caso do lugar da pesquisa, por exemplo, a começar pelo norte do território, aldeia Colônia Nova e aldeia Ipegue, que são cortadas por uma vazante d’água. Da mesma forma, o córrego *Vónikoe*, faz divisa entre a aldeia Bananal e a aldeia Ipegue, e isso é conhecido por todos, assim como o caso da aldeia Bananal e da aldeia Lagoinha, que são divididas por um córrego chamado de *Koxókore*. Já o marco natural que limita a aldeia Morrinho com a aldeia Água Branca é uma árvore da espécie de jatobá, vegetação nativa do cerrado (*Hymenaea stilbocarpa*) com tronco grosso, que aparenta ser uma árvore centenária, conforme a figura 2.

Figura 2 - Árvore - pé de jatobá



Fonte: Trabalho de campo do autor – 23 de fevereiro de 2022.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia utilizada foi delineada por meio de leituras de obras bibliográficas de autoria de pesquisadores indígenas e não indígenas que fizeram pesquisa na Terra Indígena Taunay/Ipegue.



Foram entrevistados idosos e idosas que são falantes da língua terena para entender, interpretar e contextualizar o significado do *Poké'e*, terra; *Poké'exa*, território; e *Poké'exa ûti*, nosso território, para que pudéssemos descrever o conceito de terra e território na concepção do povo Terena da Terra Indígena Taunay/Ipegue.

O Território é constituído de sete aldeias e, por isso, foi necessário buscar indígenas voluntários de cada uma das aldeias para serem condutores de expedição com finalidade de fazer reconhecimento *in loco* e, ao mesmo tempo, passando informações a respeito de cada local visitado.

O mapa de localização é composto da escrita na língua portuguesa e na língua Terena, o que demonstra uma Geografia intercultural, uma realidade do modo de ser indígena nos dias atuais no domínio do uso da tecnologia como ferramenta externa, mas que não deixou de ser indígena, como alguns pensam – quando os indígenas utilizam celular, computador ou carro, a primeira coisa que a mente colonizada pensa é: “deixaram de ser indígenas”. Nesse caso, a frase de autor desconhecido “posso ser igual a você sem deixar do que sou” é bastante pertinente, pois continuo sendo indígena, utilizando os meios digitais.

POKÉ'E - TERRA

Considerando que os Terena estão intimamente ligados à “terra”, chão, solo, é reconhecido, a partir da língua terena, o termo *Poké'e*, que é tradução da palavra “terra” na língua portuguesa. No caso, se não houvesse essa tradução, com certeza não existiria o reconhecimento ou pertencimento tradicional dessa palavra na cultura dos Terena, pois seria apenas um neologismo.

Isto significa dizer que, quando não existe tradução de uma determinada palavra da língua portuguesa para a língua Terena, ou seja, uma palavra que vem de fora para dentro da cultura, muitas vezes não se encontra acomodação perfeita na língua Terena, exigindo uma terenização.

O exemplo da palavra “terra”, na língua portuguesa, para *Poké'e*, na língua Terena, encontra perfeição de originalidade nas duas culturas distintas e essa palavra encontra abrigo nas duas línguas com compreensão de significados semelhantes, mas o uso e o valor simbólico e cultural são bem distintos, pois são duas compreensões



diferentes a partir do uso da terra, da natureza da terra, da vocação da terra, da produção da terra, do valor da terra, valor simbólico, valor mítico, entre outros.

Para compreender melhor sobre *Poké'e*, são vários autores que discorreram sobre a origem dos Terena, como Hebert Baldus (1950) e Roberto Cardoso de Oliveira (1976). Bitencourt e Ladeira (2000) também discutiram registros da história da criação do povo Terena, narrada por professores indígenas, em 1995, na aldeia Cachoeirinha, no município de Miranda/MS.

Os professores indígenas contaram que “*Oreka Yuvakae* viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos Terenas” (BITENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 22).

Baldus (1950), quando encontrou com os Terena em 1947, no estado de São Paulo, foi além, dizendo que “*Orekoyuvakai* aumentou o mundo para caber todo o pessoal e deu carocinhos de feijão, milho e mandioca ensinando a plantar. Deu semente de algodão e ensinou a tecer e fazer arco e flexa, ranchinho, roçar e plantar” (BITENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 23).

A estrutura mítica nos leva a crer que a tarefa social de trabalho está fora da ótica da sociedade capitalista, pois está centrada nos valores culturais nos quais o homem recebeu diversos tipos de sementes, inclusive a rama de mandioca, indicando que a responsabilidade de trabalho na roça, na caça e na pesca são atividades relacionadas ao homem indígena.

A mulher terena está presente na divisão do trabalho com a responsabilidade sobre as atividades domésticas, como fazer a tecelagem de redes de dormir, coletar os produtos hortifrutigranjeiros da roça de subsistência, cuidar dos filhos e ainda atuar na política interna por meio de orientação a seu marido na tomada de decisões.

É interessante notar que as atividades dos indígenas estão ligadas diretamente com o uso da terra – o *Poké'e*, sendo que a mulher tem lugar específico na terra e no território, na retirada da argila para confecção de cerâmica e no lugar de lavar roupa como antigamente – nos dias atuais, possuem água encanada vinda de poços artesianos e distribuída para todas as casas, o que infelizmente as tornou reféns de instituições que atendem as comunidades indígenas.

Para os Terena, *Poké'e* é o útero materno de onde eles nasceram e ao qual estão conectados umbilicalmente. Assim, quando as crianças nascem, devolvem *ûro*, ou



umbigo, para terra - *ekóxoti ûro*² - enterrando no quintal da casa, simbolicamente fazendo um pacto novamente com a terra, demarcando, territorializando o lugar para, quando morrerem, serem sepultadas no território de nascimento. Com esse gesto de simbolismo de enterrar o umbigo, fica evidente o processo de territorialização com *Poké'e*.

Fica evidente, dessa forma, que *Poké'e* é a mãe do povo Terena, que um dia saiu do útero da terra e ao território voltará novamente quando morrer. Temos vários exemplos de anciãos e anciãs que moravam fora das aldeias, em outras cidades, e que transladaram o corpo para serem sepultados na aldeia Bananal ou na aldeia Ipegue.

Para outros povos indígenas brasileiros, como é o caso do povo *Krenak*, que vive no estado de Minas Gerais, a terra também possui o mesmo entendimento e significado, como se descreve, no livro “Ideias para adiar o fim do mundo” – esse título, aliás, é uma provocação do autor, Ailton Krenak, e afirma que: “Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infundável, fluxo de graça, beleza e fartura” (KRENAK, 2019, p. 13). Dessa forma, explica o autor que:

Neste sentido o nome *krenak* é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, *kre*, que significa cabeça, a outra, *nak*, significa terra. *Krenak* é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem a profunda comunhão com a terra (KRENAK, 2019, p. 32).

Os povos Guarani também têm o mesmo entendimento de que a “terra é como um corpo murmurante, que se alarga e se estende. Ela vê, ouve, fala, sente e é enfeitada. É viva!” (CHAMORRO, 2008, p. 161).

No conceito de terra, a antropóloga Alcilda Rita Ramos afirma que:

Para as sociedades indígenas a terra é muito mais do que simples meio de subsistência. Ela representa suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural, mas – e tão importante quanto este – um recurso sociocultural (RAMOS, 1986, p. 12).

² Ato de enterrar o umbigo no quintal de casa.



No caso do povo *Yanomami*, do estado do Amazonas, a terra tem um significado muito importante, sendo uma das estruturas de sustentáculos para evitar a queda do céu. Davi Yanomami Kopenawa, no prefácio da obra “O recado da mata”, de Viveiros de Castro (2015, p. 16), afirma que “a terra como um ser que tem coração e respira, não com um depósito de recursos escassos ocultos nas profundezas de um subsolo tóxico”.

A preocupação do autor do livro, “A queda do céu”, é convencer o branco para ser aliado, na defesa da floresta, discutindo sobre a terra e os espíritos para manter a preservação ambiental, pois, com isso, estaria seguro da queda do céu.

Davi Yanomami Kopenawa afirma, contudo, que o “branco” tem o pensamento diferente sobre a terra, pois corresponde a povos de mercadoria, sendo que exemplo disso ocorreu durante a audiência com o general ministro chefe da Casa Militar, durante o governo José Sarney. O antropólogo Viveiros de Castro, no prefácio que escreveu para o livro de Kopenawa, afirmou que:

O general fala em “terra”, quando deveria estar falando é em “território”. Fala em ensinar a cultivar a terra, quando o que lhe compete, como militar a soldo de um Estado nacional, topográfico e agronomocrático, é demarcar o território. Bayma Denys não sabe do que sabem os Yanomami; e, aliás, o que sabe ele de *terra*? Mas Kopenawa sabe bem o que sabem os brancos; sabe que a única linguagem que eles entendem não é a da terra, mas a do *território*, do espaço estriado, do limite, da divisa, da fronteira, do marco e do registro. Sabe que é preciso garantir o território para poder cultivar a terra (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 35).

Por isso, faz-se necessário explicar as diversas concepções de povos diferentes sobre *Poké’e*, considerando que os diferentes grupos étnicos têm conceitos parecidos, com tratamentos que respeitam a terra, chegando a afirmarem que a terra não lhes pertence, pois são eles que pertencem a ela.

POKÉ’EXA TÊRENOE – TERRITÓRIO TERENA

Na Geografia humana, o território é uma das categorias discutidas por diversos autores, que buscam encontrar redefinição e depuração do conceito. Assim, várias obras de geógrafos, antropólogos e, inclusive, biólogos, inicialmente, utilizaram-se bastante desse termo “o território”.



A palavra território existe na língua Terena e deriva da palavra *Poké'exa ûti*, que significa *Poké'e*, terra, em que *ûti* é um pronome na terceira pessoa do plural, na língua Terena, que significa “nós, nosso ou nossa”, formando, então, nosso território, sinônimo de apropriação territorial, de identidade cultural, coletiva.

O conceito de “terra”, “território”, para os Terena, remete à noção de um determinado espaço geográfico, com diversas características físicas, naturais e espirituais, nas quais se encontram terra, *Poké'e*, o lugar de onde vieram os Terena; lugar de plantio; lugar de moradia; lugar de sociabilidade Terena; lugar mítico de demarcação do lugar de nascimento e de morte; lugar de iniciação xamânica; sustentabilidade indígena; escola de transmissão de conhecimentos tradicionais, ferramentas da pedagogia tradicional, entre outros.

Neste sentido, o antropólogo Terena Luiz Henrique Eloy Amado (2019) registrou o brado das mulheres Terena durante a posse da terra tradicional. Nesse sentido:

Foi nesta saída do fazendeiro, que a multidão acompanhando seu carro, cantavam e dançavam festejando a posse da terra. As anciãs gritavam: *Poké'exa ûti, Poké'exa ûti, Poké'exa ûti!* Como forma de expressão *nossa terra, essa terra é nossa*. Lembro das palavras da anciã da aldeia Ipegue, dona Miguelina Pio, quando entoou cântico lembrando dos tempos difíceis que passaram com aquele fazendeiro (ELOY AMADO 2019, p. 150).

É importante registrar a participação das mulheres que vibraram no amanhecer do dia 30 de maio de 2013, quando fizeram a primeira retomada da Fazenda Esperança, território tradicional dos Terena, no município de Aquidauana/MS. Isso demonstra a efetiva participação da mulher Terena no momento de conflitos e de instabilidade social e até mesmo nos momentos comunitários, nos planejamentos, nas reuniões de preparação, na execução da ação, pois estavam com os homens na retomada do território tradicional e vibraram, dizendo: *Poké'exa ûti*, ou seja, nossa terra, nosso território.

O cântico da mulher Terena tem o significado de exaltação, de alegria, de conquista e de demonstração de amor, afeto ao território recuperado, lembrando não só do cativoiro, mas a memória dos ancestrais, do antigo aldeamento *Naxedaxe*, ou *Natakaxe*, que antes era lugar afetivo de socialização dos Terena e que virou pastagens.



O *Poké'ixa ûti* é o território tradicional da pesquisa que estamos fazendo e foi demarcado em 1905 como Terra Indígena Taunay/Ipegue. Assim, sobre a noção de “Terra indígena”, é importante considerar que:

A noção de “Terra Indígena” que diz respeito ao processo político-jurídico conduzido sob a égide do Estado, enquanto a de “território” remete a construção de vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial (GALLOIS, 2004, p. 38).

Por meio do território *Poké'ixa ûti*, busquei compreender a dimensão do significado da etimologia da palavra para os Terena e as definições do território por meio de conceitos de autores em obras publicadas.

Tomei como exemplo *Poké'ixa ûti* Taunay/Ipegue depois de demarcado pelo Estado, podendo-se inferir que o conceito de território adotado pelo geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2013) propõe o seguinte:

O território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. A questão primordial, aqui, não é, na realidade, quais são as características geocológicas e os recursos naturais de uma certa área, o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais as ligações afetivas e de identidade entre o um grupo social e seu espaço (SOUZA, 2013, p. 89).

Para os Terena, no caso, o nosso *Poké'ixa ûti* não coaduna com a proposta desse geógrafo, porque, apesar de ser definido e delimitado, não é suficiente para responder esse conceito proposto de território, por ainda não contemplar a amplitude da cosmovisão indígena sobre isso. Assim, constata-se que território é mesmo uma palavra polissêmica, mas, mesmo assim, buscamos outros autores, como é o caso do antropólogo colombiano Arturo Escobar, que estudou o território da diferença, afirmando que:

El territorio es definido como un espacio colectivo compuesto por todo el lugar necesario e indispensable donde hombres y mujeres, jóvenes y adultos, crean y recrean sus vidas. Es un espacio de vida donde se garantiza la supervivencia étnica, histórica y cultural (ESCOBAR, 2015, p. 33).



É interessante observar que o território é um espaço coletivo de uma comunidade e, na definição de *Poké'ixa úti*, que significa nosso território, está explícito que o território é um espaço coletivo ou ainda pode ser *Vémeuxa*, que também significa nosso território, implicando que o território é coletivo, delimitado e demarcado. Sendo espaço coletivo, ele produz outros espaços coletivos compostos de famílias extensas, formando um lugar próprio específico de cada clã, até mesmo na própria aldeia – o que dirá dentro da reserva.

Para os Terena de Taunay/Ipegue, o território significa terra como espaço geográfico, marco, referência do lugar onde os ancestrais viveram e vivem, formação espiritual e cósmica do universo, compreendendo a natureza dos seres naturais e sobrenaturais, onde a água não é simplesmente água, mas inclui todos os seres espirituais e míticos que nela habitam, com importância cosmológica e sagrada.

O território também pode ser entendido como lugar de resistência, manifestações culturais, relações sociais e naturais onde os Terena convivem em coesão com a natureza, com os lagos, com as montanhas, com os pântanos, com os córregos, com as florestas, com os animais, sendo, na maioria das vezes, lugar personificado de acordo com importância e utilidade cultural.

Para outros autores, como é o caso do antropólogo francês Georges Balandier, os lugares personificados também podem ser os topônimos, que:

[...] dão uma identidade aos lugares, mesmo para aqueles que a banalidade quase não diferencia. Os léxicos científicos e técnicos tem um movimento próprio que acompanha, por ajustamento e acumulação dos termos, as mudanças que afetam o território, as terras, os países e as paisagens, as regiões, as cidades e as aglomerações, os domínios públicos e privados (BALANDIER, 1999, p. 63).

Os povos indígenas possuem um vínculo profundo com a terra, que não é entendida apenas como lugar de agricultura de subsistência, mas também no sentido de territorialidade de diversos lugares que são personificados ou identificados de acordo com a oferta natural do território, tornando-se duas vias para o homem e a natureza.

É importante salientar que a territorialidade indígena não tem nada a ver com soberania política, jurídica e militar sobre o espaço territorial, como é o caso do Estado brasileiro com soberania. Os povos indígenas possuem o direito assegurado na Constituição Federal de 1988, no artigo 231, § 2º, que garante que “as terras



tradicionalmente ocupadas pelos índios se destinam a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes” (BRASIL, 1988).

No entanto, alguns “brancos”, como afirma Davi Kopenawa Yanomami (2015), que desconhecem os fatos do uso da terra e da importância do território, como, por exemplo, para os Terena, emitem ideias equivocadas de que “tem muita terra para pouco índio”, falando do tamanho do território que os índios ocupam.

Essa forma de pensar corresponde a outras práticas do uso da terra na ótica de não indígena, que está equiparada aos modos de viver capitalista. No caso dos “brancos”, para viver, basta ter apenas um lote de terreno com casa ou um apartamento que é suficiente para a sua família na reprodução física e na convivência com filhos, pois são guiados por outras formas de valorizar economicamente a terra.

Assim, a terra indígena não tem valor capital, como é o caso na área urbana, cuja terra é calculada de acordo com a localização na cidade, por isso segue valor venal definido, por exemplo, em lei, pela prefeitura de cada município do estado de Mato Grosso do Sul.

Para os povos indígenas, o território é outro tipo de entendimento, pois são povos coletivos que vivem em comunidades e precisam de espaços suficientes para pescar, desenvolver atividades agrícolas familiares, desenvolver a cultura na transmissão dos conhecimentos tradicionais, lugar de medicamentos naturais - sejam vegetais, sejam animais – lugar de iniciação xamânica e de rituais sagrados que podem ser praticados em ambientes maiores e adequados.

Nesse caso, é preciso buscar outra afirmação da cosmovisão Terena sobre terra e território. Na semana dos povos indígenas do Brasil, é comum os parentes se declararem nas redes sociais: *Undi kopénoti têrenoe*. Em suma, *Úndi* significa “eu”, na língua portuguesa, palavra classificada como primeira pessoa do singular; o prefixo *Ko* tem função de verbalizador do verbo “ter” ligado à palavra *Kopénoti*; *Pêno* significa casa, termo classificado gramaticalmente como raiz, na língua portuguesa; e a palavra *Ti*, que é um sufixo que indica pertencimento e que está ligado à posse de *Poké’e*, ou seja, traduzindo ao pé da letra: “Que tem casa” ou “Alguém que tem casa”.

Isso significa dizer que, na cosmovisão Terena, a palavra *Kopénoti*, para os Terena, pode ser compreendida da seguinte forma: quem tem casa; e, se tem casa, tem



terra; e, se tem terra, tem território. A amplitude e a completude do significado, na língua Terena, é muito mais abrangente, pois é como um todo, não havendo diversos tipos de conceitos ou categorias de análise, como acontece muitas vezes para a Geografia.

Por exemplo, a categoria de espaço e região não tem tradução para a língua Terena e nem existe na língua materna, por não precisar se usarem essas categorias, considerando a necessidade apenas da compreensão em sua totalidade.

No caso da natureza, paisagem e meio ambiente, existe, na língua Terena, um significado comum de *Mêum*, ou seja, tudo que você consegue enxergar à sua frente, no bioma Cerrado ou Pantanal, incluindo os seres vivos e não vivos, naturais, sobrenaturais e espíritos.

Por isso a terra e o território possuem significados bem diferentes para os “brancos”, pois a forma de utilização é voltada somente para o lucro como agronegócio, que se estende à plantação de milhares de hectares de terras cultivados e rotacionados, visando à produtividade, à produção de lucro e às *commodities*.

No entanto, para os Terena, o significado de terra e território também é diferente, porque há uma coalisão entre os *Tênoe* e a natureza, ligação com o chão, enraizamento, territorialização e formação de redes sociais de ligação entre diversas aldeias no território.

Então, podemos afirmar que o território é uma convivialidade e ele também está carregado de afetividade dessa convivialidade do povo Terena. Sobre o vivido territorial, podemos verificar, como afirma o geógrafo francês Joel Bonemaison, que:

A ideia de etnia e de grupo cultural interessa ao geógrafo porque produz a ideia de um “espaço – território”. De fato, a territorialidade emana da etnia, no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território (BONEMAISON, 2002, p. 96-97).

Nesse caso, é impossível pensar em território sem a presença de um grupo étnico, pois é ele que tem a capacidade de produzir territórios, desterritorialização e territorialização pela necessidade de provisão de alimentos para a família e, como consequência, busca isso em outros lugares, guiado pela pedologia do solo.



Na busca do solo fértil, é preciso conciliar e considerar a água – um dos elementos naturais mais importantes na territorialização – como fator principal de sobrevivência a um grupo humano em qualquer território, como é o caso da territorialização das sete aldeias do Território Indígena Taunay/Ipegue.

Além de ser um Território Indígena, os Terena se apropriam dos recursos naturais para garantir a subsistência física e cultural que não se resume somente na construção de casas, na busca de ervas medicinais, sendo, também, um espaço cultural e pelo qual se fortalece e se exprime a manifestação cultural, inclusive os espaços de geossímbolos. Dessa maneira:

Os símbolos ganham maior força e realce quando se encarnam em lugares. O espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações: em sua expressão mais forte, torna-se território-santuário, isto é, um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores (BONEMAISON, 2002, p. 111).

No território Taunay/Ipegue, existem os lugares geossimbólicos que foram territorializados pelos ancestrais e que permanecem, nos dias atuais, em diversos pontos das aldeias que servem de indicativo de cada aldeia indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que a Terra indígena Taunay/Ipegue é reserva indígena que foi destinada para ser modelo de aldeia idealizado pela política integracionista e assimilacionista do Serviço de Proteção aos Índios – SPI.

Contudo, o plano foi frustrado, uma vez que era esperado que os indígenas deixassem as aldeias para morar na cidade; por isso, era preciso qualificar a mão de obra existente na aldeia, tornando-se lugar de mão de obra barata. Mas isso não aconteceu e os indígenas ficaram na reserva e tiveram que se readaptar aos novos *modus vivendi* nos modelos de ocupação socioespacial de moradia determinados pelo Serviço de Proteção aos Índios.

Nesse novo *modus vivendi* em reserva, foram se territorializando e nomeando, na língua terena, diversos lugares afetivos, históricos, míticos, espirituais e buscando alternância no uso do solo em busca de sobrevivência por meio da pedologia do solo. Nesses lugares que se tornaram roças, o primeiro critério para se efetivar é a presença de



água e, por fim, criam-se lugares de moradia que atualmente conta com sete aldeias e diversas vilas que são potenciais futuras aldeias a serem criadas.

Nesse contexto de território de confinamento que é um lugar de convivialidade social, política e ambiental, ao longo de anos, foram-se nomeando os lugares, no meio ambiente, que são úteis para a manutenção cultural e o modo de ser Terena. Por isso, por exemplo, *Poké'e* – terra é muito mais que simples lugar de moradia, de roça, lugar de territorialização simbólica de nascimento por meio de devolução do *ûro* – umbigo para terra, novamente se remetendo à conexão com a Mãe terra.

Por fim a palavra território na língua terena existe - *Poké'exa*, é derivada da palavra *Poké'e*, terra – bem como *Poké'exa ûti*, nosso território, não sendo possível dissociar esses três conceitos, uma vez que a referência a um desses conceitos indica, implicitamente, sua plenitude e amplitude. Neste caso, o *Poké'e* difere nos valores e nos conceitos de não indígena, principalmente quanto ao uso da terra e ao valor capital da terra, especialmente na questão de produção e na produtividade da terra.

REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. **O Dédalo - para finalizar o século XX**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1999.

BALDUS, Herbert. **Revista do Museu Paulista**. Vol. IV. São Paulo. 1950.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A História do Povo Terena**. Brasília: MEC, SEF, USP, 2000.

BONEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In*: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro. UERJ, 2002.

BRAND, Antônio. **O confinamento e seu impacto sobre os Pãi/Kaiowá**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292p.

CHAMORRO, Graciela. **Terra madura, yvy araguyje**: fundamento da palavra guarani. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

ELOY AMADO, Luiz Henrique. **Vukápanavo** - o despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político. Tese (Doutorado em Antropologia). Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ, 2019.



ESCOBAR Arturo. **Territorios de diferencia: la ontologia política de los “derechos al território”**. Cadernis de antropologia Social. 2015.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Terras Ocupadas? Territórios? Territorialidades? FANY, Ricardo. (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação**. São Paulo. Instituto Socioambiental. 2004. p. 37-41.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo. Companhia de Letras. 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

RAMOS, Alcilda Rita. **Sociedades indígenas**. Editora Ática. São Paulo. SP. 1986.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. RJ. 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Prefácio – o recado da mata. *In*: KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo. Companhia de Letras. 2015, p. 11-42.

Recebido em setembro de 2022.

Revisão realizada em novembro de 2022.

Aceito para publicação em janeiro de 2023.

